



*Elisa da Silva chegou ao Luxemburgo em 1998 e, há apenas quatro anos, lançou-se como independente.*

## De Dijon até ser **independente** no topo de uma empresa

*A luso-francesa Elisa da Silva refere que nunca se sentiu discriminada na vida empresarial. Mas salienta que, no capítulo profissional, “a maior dificuldade que as mulheres sentem é o facto de terem filhos”. E dá o exemplo do que se faz na Suécia como caminho a seguir.*

**E**lisa da Silva é uma das mulheres que figuram em plano de relevo como exemplo na organização Fédération des Femmes Chefs d’Enterprise du Luxembourg (FFCEL). Responsável por uma empresa que desenvolve atividade na área de compliance, a luso-francesa aponta os maiores obstáculos com que se defrontam as mulheres. E conta a sua história, deixando pistas para aquilo que gostaria de ver na sociedade luxemburguesa no capítulo dos direitos das mulheres e da igualdade de género.

“Penso que a maior dificuldade que sentem as mulheres na vida profissional é o facto de terem filhos. Se comparamos com a situação das mulheres na Suécia, por exemplo, nada tem a ver. A lei prevê tantos dias para o prazo de paternidade como de maternidade. Esta ideia está integrada no mundo profissional e nas mentalidades. E, em minha opinião, deveria ser a primeira medida a tomar no Luxemburgo e em muitos países europeus. Porque a carreira de uma mulher é tao importante como a do homem”, opina. “Devia dar-se a possibilidade a uma mulher de continuar a carreira profissional e o parceiro poder assumir as responsabilidades da educação dos filhos. Além do quadro legislativo que tem de evoluir, uma mudança das mentalidades também é necessária e isso leva o seu tempo”, diz.

E faz uma espécie de vaticínio: “Imagino que, daqui por mais

uma geração, será possível lá chegar. Por aquilo que vejo, estamos no bom caminho, pois os jovens pais investem cada vez mas na educação dos filhos”, sustenta. Elisa da Silva manifesta confiança: “Sinto-me confiante de que no futuro vamos ver cada vez mais mulheres em primeiro plano, criando empresas e investindo nasua vida profissional.”

Ao mesmo tempo, Elisa da Silva desdramatiza e esclarece que não passou por situações de desigualdade. “Durante a minha vida profissional não me senti discriminada em termos de salários e de evolução de carreira. Investi bastante no desenvolvimento das minhas funções, isso foi apreciado e senti-me compensada de forma adequada.”

Elisa da Silva é filha e neta de artesãos e comerciantes, tendo nas origens ligações ao mundo das empresas: a avó paterna e os irmãos foram comerciantes na zona de Braga, o pai teve uma garagem em Dijon. “Cheguei ao Luxemburgo em 1998, após os estudos de Direito que realizei em França, na cidade de Dijon, para onde os meus pais imigraram no final dos anos 60 e onde nasci no princípio dos anos 70”, recorda.

### No setor bancário

“Depois de um estágio no Parlamento Europeu, encontrei um emprego no setor bancário e trabalhei aí durante 15 anos. Foi nesse período que adquiri a experiência profissional na área de compliance, algo que significa a

conformidade dos bancos e outras instituições financeiras com as leis”, explica.

Vinham aí tempos mais arriscados e também aliciantes. “Acabei por lançar-me como independente há quatro anos e criei a minha empresa, a DS Compliance, oferecendo serviços neste campo a empresas do setor financeiro. Neste momento, trabalho só na minha sociedade e posso comentar a minha própria experiência.”

Referindo-se àquela que tem sido a sua movimentação no campo empresarial e dos negócios, a luso-francesa indica: “Nunca senti dificuldades para lançar a minha atividade ou encontrar clientes. O mais importante é ser profissional, não se trata de uma questão de género, mas sim de personalidade e de força de vontade.”

Depois, dá exemplos de situações que lhe causaram surpresa. “Fico sempre muito surpreendida quando assisto a conferências nas quais tanto se fazem elogios ao facto de haver mulheres em primeiro plano quando isso devia ser, afinal, algo natural.” E acrescenta: “Por exemplo, a última vez que fui a uma conferência do Fintech, realizada no dia 1 de março, no Cercle de la Cité, na cidade do Luxemburgo, insistiram tanto para haver um painel só de mulheres. Ora, em minha opinião, isso é normal e não se deveria fazer tanto caso. Essa poderia ser mesmo uma primeira evolução de mentalidades.”

**Paulo Jorge Pereira**

## Grão-Ducado com maior progresso no trabalho

Numa análise mais global realizada pelo estudo da consultora PricewaterhouseCoopers, sob o título Women in Work Index, o Luxemburgo é, entre os países da OCDE, no período 2000-2016, aquele que registou maior evolução no capítulo da igualdade em termos de mercado de trabalho.

Com efeito, o Grão-Ducado evoluiu do lugar 23 até ao 7 nesta tabela classificativa, enquanto Portugal, por exemplo, seguia no sentido contrário, caindo do posto 5 para o 18.

Na comparação com países vizinhos, o desempenho do Luxemburgo também sobressai, sobretudo na relação com o caso francês (descida do lugar 12 para o 20). Quanto à Bélgica, acabou por registar franca

evolução (do lugar 20 para o 13).

Ao contrário, conforme salienta o próprio documento, os Estados Unidos, que se afirmam como a maior economia da OCDE, sofreu queda profunda (do posto 9 para o 21). Outra queda acentuada surgiu no contexto dos países da União Europeia com a Áustria a resvalar do lugar 13 para o 24.

Esta parte do estudo da consultora dedica-se a analisar as movimentações de mais longo prazo nos diferentes mercados de trabalho. Os fatores que intervinham nesta avaliação diziam respeito ao cruzamento entre descida da participação feminina em cada mercado laboral e o crescimento da taxa de desemprego no feminino.

## Luxemburgo tem maior fosso patrimonial na idade da reforma

O Luxemburgo é o país da União Europeia onde se verifica um fosso maior entre o património de homens e mulheres na idade da reforma, segundo dados reunidos pelo Luxembourg Institute of Socio-Economic Research (LISER).

Por outro lado, 75% dos homens recebem a pensão de velhice antecipada, contra apenas 61% de mulheres, numa ligação direta ao período contributivo.

O risco de empobrecimento é um pouco maior para as mulheres (15,7%) do que para os homens (15%). Na Europa a 28 as taxas são, respetivamente, de 17,7 e 16,9%.

A taxa de emprego no masculino é de 71% e no feminino de 61. Porém, a diferença sobre se a análise for feita a tempo de trabalho integral (71,8 contra

51,4%). E 34% das mulheres em idade ativa trabalham a tempo parcial, mas só 6% dos homens o fazem.

As principais razões do trabalho parcial para as mulheres são as responsabilidades pessoais e familiares com crianças e idosos (58% de mulheres face 22% de homens). Seguem-se outras razões (18%); não encontrar um emprego a tempo inteiro (15%); educação/formação profissional (6%); doença/incapacidade (3%).

Enquanto as mulheres dedicam 3h53 à casa e às crianças, os homens apenas o fazem durante 1h54. Quando nasce o primeiro filho, são as mulheres que ficam mais vezes em casa de licença parental (46% contra 11% no caso dos homens).

